

Na sala Covas, na cozinha Collor

16 JUL 1988

E tão benéfica ao candidato Fernando Collor de Mello a denúncia de que o SNI estaria grampeando seus telefones, quanto à de que o ministro da Justiça vai promover uma devassa na sua administração em Alagoas, para descobrir possíveis irregularidades. Nada melhor para um candidato que já estava caindo nas pesquisas do Ibope, embora o Gallup lhe atribua neste fim de semana um resultado que amplia a sua vantagem em cinco pontos. Mas em termos de vítima de uma posição do governo que é caolha e extemporânea: se praticou irregularidades, estas já não se podem aquilatar nos tempos de hoje, havendo ainda o fato de que o Tribunal de Contas de Alagoas aprovou as contas do então governador.

Se o Palácio do Planalto quer fazer uma figura na campanha, não é por aí. O Presidente da República, que veio da terra da guilhotina, deve saber que o povão continua a ter aqui no Brasil uma opção inteiramente diversa da burguesia. E quem vota em massa é o povão. Só uma pequena amostra, ocorrida aqui em Brasília na última sexta-feira: no restaurante do Eron Hotel, um grupo de jornalistas e alguns poucos empresários comemoravam o aniversário do nosso editor Ronaldo Junqueira. Imediatamente votou-se para Presidente, numa prévia, em guardanapos, e com mesa confiável. Entre esse primeiro colégio eleitoral, o candidato Mário Covas obteve folgada diferença sobre Roberto Freyre e Fernando Collor de Mello. Afif Domingos ficou numa posição intermediária, e Lula, Paulo Maluf, Oscar Dias Corrêa e Paulo Gontijo obtiveram um voto. Leonel Brizola, Aureliano

Chaves e Ulysses Guimarães não tiveram voto. No "segundo turno", só com Covas, Collor e Freyre, o "tucano" manteve disparado o seu primeiro lugar. Mas, quando foram convidados a votar os garçons, cozinheiros, copeiros e algumas mesas em volta, com hóspedes do hotel ou mesmo grupos de frequentadores do restaurante, deu Collor para ninguém botar defeito. Sua diferença diante de Covas foi exatamente aquela que está nas ruas. O Eron Hotel nada tem de diferente da voz das ruas.

Por isso, não se deve subestimar Fernando Collor de Mello, através de uma análise meramente intelectual ou racional do processo sucessório. O que está na cabeça do povão seria um mandato definitivo, apesar de denúncias de corrupção, irregularidades e vida pessoal descompassada, do candidato do PRN. Já avisou que está no segundo turno, podendo ter como adversário alguém que não trate de subestimá-lo, como agora quer o Governo mediante devassas do Dr. Oscar. Covas ou outro terá essa chance se continuar sua campanha em fixação em Collor, pois este já estaria ungido pelo povão, daqui ou de qualquer outro ponto do Brasil, onde chega uma emoção. Parece que pela primeira vez, até para perder, se fez uma união tática e silenciosa do povo. Quando o garçom, motorista de táxi ou barbeiro insistem em votar em alguém, é porque recolhem diariamente a sua pesquisa junto a quem depende de sua perícia profissional. E para eles, Collor ainda é o mais capaz de promover uma revolução nestes trópicos. Sem guilhotina, para vantagem dos nossos poderosos.